

# Os Desafios Educativos dos Media na Educação de Infância

Sara Pereira

Instituto de Estudos da Criança

Universidade do Minho

2001

Gostaria, em primeiro lugar, de agradecer o convite que me foi dirigido para participar no IX Encontro Nacional da APEI, partilhando, discutindo e reflectindo convosco o meu interesse pessoal e académico pela relação das crianças com os media, particularmente com a televisão. Ao integrar uma intervenção sobre esta temática neste Encontro, a Associação de Profissionais de Educação de Infância revela estar sensível a este 'espírito do tempo'.

Começo por vos contar dois episódios reais protagonizados por crianças em idade pré-escolar, ambos relacionados com a relação com a TV. O primeiro foi vivido em contexto familiar e o segundo em contexto de Jardim – de – Infância.

*A Inês tem 4 anos. Salta de alegria quando vê imagens do Big Brother. As primeiras informações sobre o programa trouxe-as do Jardim de Infância: "Mãe, gostas de ver o 'Big Bader'? Deixas-me ver o 'Big Bader'? Em que número (leia-se canal) dá?" Falava do Zé Maria e da Susana, sobretudo destes concorrentes, com uma familiaridade tal que parecia que os conhecia muito bem. Trauteava a canção do genérico e dançava ao mesmo tempo. O Big Brother concorria assim com a Cinderela, os Pokémon, o Batatoon, os Telettubies, e parecia ganhar aos pontos. O Zé Maria para ela é um herói, como é o Pikachu, a Cinderela ou o Tinky Winky. Gosta deles, ri-se com eles, preocupa-se com eles... Não conhece os filhos do vizinho do lado mas conhece o Zé Maria que vive em Barrancos e aplaude-o como o povo barranquenho o aplaudiu à sua chegada à vila.*

*Um dia a mãe da Inês decidiu sentar-se com ela a ver o Big Brother, satisfazendo assim um pedido e um desejo seu de há muito. Descobriu então, pelas perguntas que lhe fazia, que apesar da filha falar com grande conhecimento deste ou daquele participante, não os identificava no ecrã. Ou seja, a Inês, mais do que ver, ouvia falar sobre o programa. Em casa não aceitava, e sobretudo não compreendia, as críticas ao 'Grande Irmão'. Quando lhe perguntavam porque gostava tanto do Big Brother respondia que gostava porque era muito bonito, que eles faziam coisas engraçadas, que os amigos dela também gostavam muito de ver. Os pais desta menina começaram então a perceber que aquele enorme interesse pelo programa era também uma necessidade. A necessidade de estar a par do programa eleito no momento pelo seu grupo de amigos, para poder partilhar com eles informações e experiências, para poder trocar opiniões sobre os participantes, enfim, para poder participar na vida do grupo.*

*Em casa a Inês nunca foi proibida de ver o Big Brother, os pais procuraram antes motivá-la para outras actividades, procuraram, sempre que possível, oferecer-lhe alternativas àquele espaço televisivo.*

*É claro que nem sempre resultou, houve momentos em que ela optou pelo ecrã, e houve momentos em que ela, mesmo tendo optado por realizar outras actividades, levou consigo o ‘Grande Irmão’ pois não deixava de falar nele ou de trautear a canção.*

*Desde o início do ano lectivo (estava-se então em Janeiro) que a Helena, Educadora de Infância da rede pública, observava nos comportamentos das crianças fortes “traços” dos media, sobretudo nas suas brincadeiras na ‘casinha das bonecas’ e no espaço exterior onde chegaram a construir, com as crianças da Escola do 1º ciclo do Ensino Básico, cujo edifício era contíguo ao JI, um cenário para a representação de cenas da telenovela brasileira então em exibição no Canal 1 da RTP.*

*A dado momento, as irmãs Carla, de 4 anos, e Marisa, de 5 anos, começaram a pedir para sair mais cedo. Este pedido tornou-se sistemático e estendeu-se a outras crianças do grupo. A Educadora descobriu então, através das próprias crianças, que esse pedido se devia ao interesse em ir para casa mais cedo ver o programa de desenhos animados ‘D’Artagnan’ em exibição naquela altura na RTP.*

*Perante esta situação, levantava-se a questão do motivo que teria levado as crianças a inventarem uma desculpa para saírem mais cedo e a omitirem a verdadeira razão. Após ter conversado com as crianças a este respeito, foi possível a Helena compreender as razões das crianças, que apontavam no sentido de não lhes ser permitido sair mais cedo se revelassem o verdadeiro motivo. Esta explicação revelava bem a ideia que as crianças tinham do lugar que a televisão **não podia** ocupar no JI, embora desde o início do ano expressassem livremente os seus interesses e conhecimentos televisivos e lhes tivesse sido proporcionado espaço e tempo para a representação e expressão das suas experiências televisivas.*

Estes dois episódios, a que poderíamos com certeza acrescentar muitos outros, são excelentes indicadores de que os media, particularmente a TV, condicionam, de forma marcante e significativa, os quotidianos das crianças. Estas, quando franqueiam pela primeira vez a porta do JI, levam consigo uma importante e significativa cultura televisiva<sup>1</sup>. É por isso hoje importante e necessário ter em conta o papel socializador dos media – é como elemento do meio em que a criança está inserida e como mediadora de outras realidades que a TV participa no processo de socialização dos mais novos.

Mas, estes episódios também levantam algumas questões, como sejam:

- porque será que as crianças gostam tanto do *Big Brother*? Esta é, sem dúvida, uma questão importante que valeria a pena estudar para procurar compreender. Quem viu alguns episódios pode assistir a entrevistas de rua em que muitas vezes os entrevistados

---

<sup>1</sup> Em 1992, num estudo que realizei sobre a Televisão no Jardim de Infância, e em que inquiri 100 Educadoras a trabalhar em Jardins da rede pública do distrito de Braga, pude verificar que as crianças falavam diariamente das suas experiências televisivas e partilhavam essas experiências com a educadora e a auxiliar mas sobretudo com o grupo de pares.

eram crianças que falavam dos concorrentes com um grande conhecimento e entusiasmo. Quase diariamente ouço pais, educadores e professores dizerem que em muitos momentos o tópico principal das conversas das crianças é o *Big Brother*, as suas brincadeiras andam à volta deste programa, os seus interesses centram-se muitas vezes aí. Tenho observado este interesse de crianças de diferentes idades em diferentes contextos e situações.

- como será no Jardim – de – Infância? Como partilham as crianças as suas experiências televisivas? Como serão as suas brincadeiras? Como reagem as educadoras? Será que alguma vez falaram do 'Big Brother' com as crianças? Estarão preparadas para isso ou acharão que não vale a pena conversar sobre um programa desta natureza que tem causado tanta polémica e controvérsia? Será que as crianças têm encontrado no JI um espaço que lhes proporcione a representação das suas concepções televisivas? Será que os educadores têm procurado explorar esta experiência televisiva das crianças?

Uma coisa é certa: atendendo ao ambiente mediático omnipresente, é importante termos presente que a simples crítica, a censura, o dizer mal, a proibição, não serão os melhores caminhos a seguir. Os diferentes contextos de acolhimento à infância, que exercem funções importantes ao nível da educação e do desenvolvimento das crianças, são, ou devem ser, espaços privilegiados de construção de um olhar diferente sobre as mensagens que os mais pequenos consomem através dos media, nomeadamente através da TV.

E se para alguns uma iniciação ao mundo da comunicação e ao mundo dos media parece muito precoce na idade pré-escolar, é necessário lembrar que as crianças de hoje vêem TV quase desde o nascimento. As gerações mais novas nascerem e cresceram na era da TV, habituaram-se desde muito cedo a manejar com destreza o telecomando e o vídeo - gravador, a saltar de canal em canal. Pelos 2-3 anos de idade, estabelecem um contacto estreito com a TV, e começam não só a ver mais assiduamente, como aprendem a ver e a gostar de ver.

Torna-se pois importante que as instituições educativas procurem compreender a presença dos media na vida das crianças. A o fazê-lo, não o devem fazer de forma isolada, mas no quadro das relações e das práticas sociais e, sempre que possível, ouvindo as próprias crianças, considerando os seus pontos de vista. Uma das lacunas mais graves dos discursos correntes, e mesmo de muitas pesquisas, sobre as crianças e

os media radica precisamente na descontextualização quer das crianças quer dos media. O meio geográfico e o contexto familiar em que a criança vive, a idade, o sexo, o seu nível de desenvolvimento cognitivo, afectivo e social, as próprias características dos programas televisivos, constituem importantes filtros na relação que a criança estabelece com o pequeno ecrã e constituem por isso factores importantes quando pretendemos estudar e analisar a relação das crianças com a TV.

Vários estudos têm caracterizado as crianças como uma *audiência especial* (Dorr, 1986): possuem um mundo incompleto de conhecimentos que afecta a compreensão dos conteúdos televisivos; tem processos de aprendizagem próprios, que passam por capacidades que ao longo da infância se vão desenvolvendo, nomeadamente as de distinguir a realidade da ficção, o essencial do acessório. Por outro lado, pelo seu desejo em aprender, este público infantil está particularmente aberto à influência do meio, de que a TV faz parte, que lhes oferece informações interessantes sobre o mundo físico e social e seus valores

Um outro aspecto que tem sido enfatizado por vários autores é o papel activo da criança na recepção das mensagens televisivas. A uma imagem da criança passiva e inactiva em frente ao ecrã, partilhada frequentemente pelo senso comum, contrapõe-se uma imagem da criança activa e *actora*, a exercer influência na forma como experiência a TV, a desempenhar o papel mais activo dessa relação. Partilho a opinião de que as crianças ao ver TV realizam um trabalho activo de descodificação pois só assim se justifica que consigam dar sentido ao que vêem e consigam utilizar as suas mensagens, mesmo noutros contextos. Contudo, não me parecem satisfatórias nem as propostas que dão ênfase ao poder efectivo dos media, colocando os seus utilizadores, e designadamente as crianças, numa posição de inerente e inevitável passividade, nem as propostas que, inversamente, salientando os usos e as funções, atribuem aos receptores uma margem de acção e de iniciativa ilimitadas. É importante não correr o risco de, ao rejeitar a perspectiva das crianças como vítimas passivas da televisão, adoptar simplesmente a perspectiva oposta. Ambas apresentam uma 'ideia' homogénea e indiferenciada de criança, sendo necessário, em qualquer dos casos, considerar que são sempre crianças específicas, vivendo em circunstâncias sociais, culturais e históricas específicas.

Estudos centrados nos contextos de visionamento apontam também a influência do meio familiar nas escolhas dos programas e na formação do 'gosto' televisivo. Em 1998, num estudo que realizei sobre "A Televisão na Família", em que entrevistei 50

famílias de diferentes níveis sócio-económicos e de distintos meios geográficos do distrito de Braga, pude concluir que as crianças tendiam a seguir o 'estilo televisivo' dos pais. Estas famílias determinavam não só a quantidade de tempo que as crianças viam televisão, mas também os tipos de programas e a qualidade da experiência televisiva. As crianças viam a programação que lhes era destinada mas viam sobretudo, e de forma assídua, a programação familiar ou dirigida a audiências adultas, o que me levou a recordar as palavras de François Mariet, um investigador francês, que diz que “*a verdadeira televisão das crianças é a televisão que as crianças vêem. Não se confunde necessariamente com a televisão produzida e difundida expressamente para elas. As crianças preferem frequentemente ver as emissões para adultos ou pelo menos, para o público familiar*” (Mariet, 1989:86/87). Ou seja: uma coisa são os programas emitidos pela televisão que têm a infância como destinatário privilegiado, e outra são os programas pelos quais as crianças se interessam, de que gostam, e que efectivamente vêem, como é o caso do *Big Brother*.<sup>2</sup>.

A sensibilização e formação de professores no domínio dos media, a atenção ao que se passa no pequeno ecrã e à relação das crianças com os media, podem fazer da escola “*o lugar mais capaz de influenciar o modo como as crianças vêem televisão e o que vêem*”, como refere Patrícia Greenfield.

Entra aqui então um conceito consagrado internacionalmente, quer no espaço francófono, quer no espaço anglo-saxónico: o conceito de educação para os media. Segundo a UNESCO, “*a Educação para os Media constitui parte da preparação básica de todo o cidadão, em qualquer país do mundo, em ordem à liberdade de expressão, ao direito de informação e representa um suporte na construção e sustento da vida democrática*” (Áustria, 1999, conferência 'Educar para os Media na Era Digital'). De uma forma geral, educação para os media diz respeito ao conjunto de teorias e práticas que visam desenvolver a consciência crítica e a capacidade de iniciativa face aos meios de comunicação social. É uma educação /formação que visa contribuir para um uso

---

<sup>2</sup> A comprová-lo estão também os dados das audiências de televisão (fonte: *Marktest Audimetria*). Analisando os 15 programas mais vistos nos 4 canais hertzianos por crianças dos 4 aos 14 anos e no período compreendido entre 28 de Agosto e 3 de Dezembro (15 semanas), verifica-se que o *Big Brother* (emissões em directo e compactos) não só ocupa as primeiras posições, como é referido 4 vezes em média em cada semana. O único programa televisivo dirigido à infância que é mencionado, nestas 15 semanas, é o *Batatoon*, que aparece sempre nos últimos lugares dos 15 mais vistos, e apenas em 3 das semanas contempladas.

crítico e criativo media, em que o objectivo não é apenas o desenvolvimento da consciência crítica mas igualmente da autonomia crítica dos sujeitos (Len Materman, 1998). Envolve também a compreensão das práticas mediáticas diferenciadas, as interacções, as motivações e expectativas que as determinam (e pelas quais são determinadas). Envolve ainda a compreensão dos media como uma realidade socialmente construída, isto é, a compreensão de que o trabalho dos media é, por natureza, um trabalho de construção, de representação, de selecção, de hierarquização ou seja, de construção social. A acrescentar ainda o contributo que uma educação a este nível pode dar para a tomada de consciência dos direitos e dos deveres dos cidadãos face à comunicação social.

Louis Porcher (1994:200), um consagrado investigador francês, afirma que *“É simplesmente justo declarar que se trata do desafio mais importante para os anos presentes e futuros, que se oferece à instituição educativa. Esta encontra-se confrontada com os media, mesmo que não queira, mesmo que não saiba. O seu futuro passa por aí, tendo em conta que os media tocam toda a gente desde o nascimento. (...) É da responsabilidade da escola, hoje, de distribuir um conhecimento sobre os media. Estes fascinam de tal forma as crianças (e os adultos...) que eles estão, doravante, dentro da sala de aulas, mesmo de forma invisível, como um constituinte essencial do capital cultural das crianças”*.

Mas porquê hoje este sentimento de urgência da necessidade de uma educação para os media? Centralizando-me apenas na educação de infância, posso evocar, sem pretender ser muito exaustiva, cinco razões que me parecem pertinentes e significativas para justificar a abordagem dos media nas instituições de educação pré-escolar:

### 1. Consumo dos Media

Os meios de comunicação social ocupam uma parte significativa da vida quotidiana das crianças [como já referi] e, se não fosse por outros motivos, este seria já suficientemente forte para incentivar os educadores a integrar a educação para os media no jardim-de-infância. Mas, a questão não é simplesmente a quantidade de tempo de consumo dos media, que não deixa de ser importante; a questão é bem mais complexa: relaciona-se com os modos e contextos dessa exposição, com a(s) forma(s) como as crianças atribuem sentido aos conteúdos difundidos pelos media, como os interpretam, compreendem e usam. Torna-se pois importante e desejável ensinar e encorajar as

crianças a utilizarem os media de forma mais crítica e criativa. Tal como relativamente a outras capacidades básicas, este processo pode ser desenvolvido no jardim-de-infância.

## 2. Objectivos da Educação de Infância e Orientações Curriculares

Ainda que na Lei de bases do Sistema Educativo (LBSE) não apareça qualquer referência directa à educação para os media, os objectivos da educação de infância aí contemplados (art. 5º, nº1) ao preconizarem, nomeadamente, uma educação que procure *"estimular as capacidades de cada criança e favorecer a sua formação e o desenvolvimento equilibrado de todas as suas potencialidades"*; *"contribuir para a estabilidade e segurança afectivas da criança"*, *"desenvolver as capacidades de expressão e comunicação da criança, assim como a imaginação criativa, e estimular a actividade lúdica."* e *"favorecer a observação e a compreensão do meio natural e humano para uma melhor integração e participação da criança"*, abrem um quadro favorável à educação para os media.

No que diz respeito às Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, a Educação para os Media aparece contemplada na área de Expressão e Comunicação, embora se reconheça que é também uma das vertentes da Formação Pessoal e Social e do Conhecimento do Mundo. Gostaria aqui de relembrar essa referência: *"os registos audiovisuais são meios de expressão individual e colectiva e também meios de transmissão do saber e da cultura que a criança vê como lúdicos e aceita com prazer. A atitude crítica face aos meios audiovisuais e nomeadamente à televisão pode ser iniciada na educação pré-escolar pelo questionamento da influência televisiva nas crianças, pela visualização de programas gravados e cuidadosamente seleccionados que serão debatidos em conjunto pelo educador e pelas crianças"*. (1997: 72).

## 3. Articulação Famílias / Educação Pré-Escolar

O meio familiar é o primeiro contexto de aprendizagem que a criança experimenta, assim como é também, geralmente, o meio em que a criança vê televisão. Os pais podem pois fornecer ao educador dados sobre a experiência televisiva das crianças, o tempo de consumo, os seus programas preferidos, a importância que a televisão assume na vida dos filhos, etc.. O educador pode sensibilizar os pais para a importância de orientar a actividade televisiva dos filhos, incentivá-los a um trabalho conjunto,

sugerindo-lhes alguns procedimentos, estratégias e actividades a desenvolver numa interacção combinada entre ambos.

Um trabalho a este nível desenvolvido só nas instituições de educação pré-escolar pode correr o risco de não ter continuidade. E como é principalmente em casa que as crianças vêem televisão, é importante que os pais dêem continuidade ao trabalho que for desenvolvido pelo educador e que as crianças encontrem também no contexto familiar um espaço que lhes permita falar e explorar as suas experiências mediáticas.

Os meios de comunicação social, concretamente a televisão, podem ser instrumentos facilitadores de um envolvimento efectivo dos pais na educação pré-escolar, tal como é preconizado na Lei de Bases do Sistema Educativo (art. 5º, nº2). Este envolvimento pode contribuir para que se processe e desenvolva uma efectiva educação das crianças para um uso criterioso dos meios de comunicação social.

#### 4. Aprendizagem Centrada na Criança e nas suas Motivações

Um aspecto importante a considerar no desenvolvimento da acção educativa é a motivação. Esta é uma das principais chaves para a aprendizagem e para o desenvolvimento. As aprendizagens que surgem das experiências e vivências das crianças e do seu meio são desejáveis e terão mais possibilidades de serem bem sucedidas. Como refere Gilbert de Landsheere (1989:4 in Pinto, M., 1988:207), *"um dos dados psicopedagógicos mais seguros reside no facto de que a aprendizagem não terá verdadeiras possibilidades de ser bem sucedida se não se apoiar na vivência do aluno e nos problemas que ele realmente se coloca. Se se fechasse aos media, a escola estaria a prescindir de uma vivência essencial."*

Sendo a televisão parte integrante do quotidiano das crianças, e mostrando-se estas motivadas por aquele meio, ele pode ser um bom ponto de partida para o desenvolvimento de uma educação para os media. Isto não significa que haja uma inoculação contra os media ou que haja a simples aceitação das mensagens que veiculam; a educação para os media é antes um trabalho que pretende explorar e estender a experiência das crianças com os media, desenvolver as suas capacidades críticas e a sua curiosidade natural no sentido de começarem a questionar o que vêem e ouvem e o que já sabem ou conhecem.

#### 5. Educar para a Cidadania



De uma forma genérica, educar para os media pode ser uma forma e uma via de educar para a cidadania – preparar para um exercício responsável da cidadania – na medida em que o desenvolvimento de uma educação a este nível pretende fomentar o respeito pela diversidade de opiniões; desenvolver nas crianças o sentido da participação no mundo em que vivem, de forma livre e responsável; proporcionar-lhes uma melhor compreensão desse mundo e da sua condição de cidadãos.

#### Desafios da Educação para os Media: o que possibilita, o que promove

Através da educação para os media pretende-se desenvolver o conhecimento e compreensão em relação aos meios de comunicação, em todas as suas expressões: como trabalham, como produzem significado, como se organizam as instituições dos media e as suas indústrias, como as audiências constroem o sentido dos seus produtos e tecnologias.

Procura-se desenvolver nas crianças capacidades críticas a respeito das mensagens dos media no que diz respeito à sua forma e conteúdo. Desta maneira pretende-se desenvolver capacidades relativas ao acesso, análise e avaliação das mensagens às quais as audiências estão expostas todos os dias. As vertentes educativas deste modelo promovem também o desenvolvimento de capacidades relacionadas com a produção de mensagens através dos meios; as crianças aprendem a comunicar ideias próprias e experiências pessoais, através da concepção e produção dos seus próprios produtos mediáticos.

Para além de compreender os meios, analisá-los e produzi-los, considera-se que as crianças - a partir da educação para os media – podem inclusive aumentar o desfrute dos meios com que se relacionam diariamente. Valoriza-se de forma positiva a cultura mediática das crianças. Procura-se aproveitar as suas experiências, desenvolvendo capacidades a partir do que está mais próximo e do que é mais compreensível para elas; por exemplo, analisar e interpretar criticamente um programa infantil ou uma mensagem de uma revista ou de um jornal...

A realização de trabalhos práticos a respeito dos meios de comunicação social facilita os processos de compreensão das crianças em relação ao tema. Este tipo de actividades pode ser por exemplo, fazer colagens com imagens recortadas de revistas, expressar ideias e conceitos a partir de um artigo, fazer um jornal de parede ou impresso...trabalhar segmentos de programas gravados, promovendo conversas em

grupo e situações de *role-playing*, num ambiente que possibilite aos mais novos partilhar com outros as suas vivências solitárias frente ao ecrã.

O mais importante é ajudar as crianças a desenvolverem atitudes críticas, ensinar-lhes a questionar o que vêem e ouvem para que aprendam a serem selectivas nas suas práticas televisivas. O importante é dar-lhes oportunidades para partilharem os seus pontos de vista, para os confrontarem com os dos outros, para partilharem sentimentos e ideias, para comunicarem uma experiência que as gratifica emocional, social e afectivamente, e para esclarecerem dúvidas que o seu conhecimento ainda não permita compreender.

Ajudar a criança a compreender as lógicas subjacentes à produção e à programação; ajudá-las a descobrir que há uma oferta de programas orientada por uma forte componente comercial com linhas mais agressivas, mas que também há programas que conjugam, com grande sensibilidade e beleza, a espectacularidade e fantasia próprias do meio televisivo com o conhecimento das crianças, os seus interesses e prazeres, os seus problemas, medos e angústias; levá-las a compreender que a acção, o humor, a aventura e a fantasia não têm que andar amarrados à violência gratuita e descontextualizada – eis outros tantos desafios que hoje deveriam constituir um objectivo da formação básica de qualquer cidadão.

Gostaria de deixar bem clara a ideia de que a educação para os meios de comunicação não significa uma inoculação contra os media ou a simples aceitação das mensagens que veiculam, nem uma estratégia disfarçada de aumentar o consumo; a educação para os media é antes um trabalho que pretende explorar e estender a experiência das crianças com os media, desenvolver as suas capacidades críticas e a sua curiosidade natural no sentido de começarem a questionar o que vêem e ouvem e o que já sabem ou conhecem.

Gostaria também de deixar claro que não é necessário possuir um aparelho televisivo na instituição educativa para promover esta componente formativa. É importante pensarmos que a televisão está dentro da sala através dos telespectadores que o frequentam. E é a partir das experiências das crianças que podemos e devemos começar uma educação para um uso criterioso da televisão no jardim-de-infância.

Numerosos estudos desenvolvidos em vários países, indicam que a interacção presencial e directa com os ‘adultos significativos’, a discussão, os comentários e a explicação dos conteúdos, ajudam as crianças a interpretar e a compreender as mensagens televisivas recebidas.

A mediação que educadores, pais e ‘outros significativos’ podem exercer em relação à televisão pode também ser uma maneira de contribuir para o cumprimento dos Direitos da Criança, na medida em que estarão a ajudar a criança a usufruir de forma mais activa e crítica o que a televisão lhes pode proporcionar, a saber escolher o que é apresentado e a recusar o que possa ser menos benéfico para o seu desenvolvimento. Ou seja, estarão a contribuir para que as crianças sejam espectadores (e cidadãos) activos, com espírito e autonomia crítica face ao que vêem e ouvem na televisão, numa perspectiva de educação para a cidadania.

É indispensável que os meios de comunicação social, e neste caso concreto a televisão, sigam as normas éticas, deontológicas e jurídicas para que as suas funções sociais sejam realizadas de forma positiva. Todavia, atendendo ao ambiente de liberdade e de competição existentes ao nível dos meios de comunicação social, e a que a lógica dominante, nomeadamente na televisão, é a captação de audiências, considero que a mediação dos conteúdos dos media, através do acompanhamento e do diálogo, por parte de adultos significativos para as crianças, pode ter um carácter decisivo na forma como elas se apropriam e usam a televisão. Considero também que é através do confronto das percepções e interpretações das mensagens recebidas, que pode emergir uma «competência» activa, crítica e criativa (e criadora) face à televisão. O desenvolvimento destas competências podem traduzir-se progressivamente numa acção de apoio, de vigilância constante, de pressão e de crítica para com a acção dos media.

Como educadores, devemos estar preparados para ensinar as crianças a tornarem-se telespectadores criteriosos da TV. Como investigadores, devemos continuar a perseverar os nossos esforços no sentido de melhor compreender as práticas televisivas e as necessidades interesses dos mais pequenos. Produtores e programadores devem comprometer-se a encontrar o desafio de oferecer às crianças (e aos seus pais) uma programação de qualidade sensível à diversidade sócio-cultural do público infantil.

Integrar estes recursos culturais no vosso trabalho de profissionais de educação de infância, e fazerem sentir e ouvir as vossas vozes de pressão, e as vozes das crianças com quem trabalham, junto dos responsáveis pelas instituições mediáticas ou pelas indústrias produtoras de conteúdos em prol de uma programação de qualidade sensível à diversidade sócio-cultural do público infantil, é o convite (desafio) que gostaria de vos deixar.

## BIBLIOGRAFIA

- DORR, Aimée (1986) *Television and Children: a Special Medium for a Special Audience*, London: Sage
- GONNET, Jacques (1997), *Éducation et Médias*, Paris: Presses Universitaires de France
- Lei de Bases do Sistema Educativo*, (1986), Lisboa: INCM.
- MARIET, François (1989), *Laissez-les Regarder la Télé*, Paris: Casterman
- MASTERMAN, Len (1985), *Teaching the Media*, London: Comedia
- MASTERMAN, Len (1988), *Le Développement de l'Éducation aux Médias dans l'Europe des Années 80*, Strasbourg: Conseil de l'Europe.
- MASTERMAN, Len; MARIET, François (1994), *L'Éducation aux Médias dans l'Europe des Années 90*, Strasbourg: Conseil de l'Europe
- NÚCLEO DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR (1997), *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, Lisboa: M.E./D.E.B.
- PEREIRA, Sara (1993), *A Televisão no Jardim-de-infância – Práticas e Atitudes dos Educadores da Rede Pública do Distrito de Braga e Contributos para o Uso Criterioso da Televisão*, Braga: CEFOPE da Universidade do Minho
- PEREIRA, Sara (1999), *A Televisão na Família: Processos de Mediação com Crianças em Idade Pré-Escolar*, Braga: IEC-CESC
- PINTO, Manuel (1988), *Educar Para a Comunicação*, Lisboa: GEP-ME
- PORCHER, Louis (1994), *Télévision, Culture, Éducation*, Paris: Armand Colin